JORNAL
Centro de Estudos
LUIS GUEDES

Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Hospital de Clínicas de Porto Alegre
Agosto de 2019
Ano 30 • Nº 84

CELG FESTEJA 60 ANOS E EMPOSSA NOVA DIRETORIA

ANÁLISE
ESPETÁCULOS DE VIDA E DE MORTE
PÁGS. 3, 4 E 5

LITERATURA
CHIMAMANDA NGOZI, VOZ DO FEMINISMO
PÁGS. 6 E 7

CINEMA
A ATUAL SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS
PÁGS. 14 E 15

SUMÁRIO

2 PALAVRA DA PRESIDENTE
3 ANÁLISE
6 LITERATURA
8 60 ANOS DO CELG
12 ARTE
14 CINEMA
15 NOVA DIRETORIA
16 CURSOS CELG

EXPEDIENTE

JORNAL DO CENTRO
DE ESTUDOS LUIS GUEDES
Cursos de Extensão e Especialização
em Psiquiatria e Psicoterapia
Hospital de Clínicas de Porto Alegre.
Rua Ramiro Barcelos, 2350 –
2º andar - Sala 2218.
CEP: 90035-903. Porto Alegre - RS.
Telefones: 3330.5655 / 3359.8416 /
3388.8165.
Site: www.celg.org.br.

DIRETORIA
Presidente: Simone Hauck
shauck@hcpa.edu.br
Diretor Financeiro: Lucas Lovato
llovato@hcpa.edu.br
Diretor Administrativo: Félix Paim Kessler
fkessler@hcpa.edu.br
Diretora Científica: Patricia F. Lago
patflago@gmail.com
Diretora de Divulgação e Relações com a
Comunidade: Clarice Kowacs
ckowacs@icloud.com
Diretora de Publicações: Stefania Pigatto
stepigatto@gmail.com
Diretor de Ensino: Ives Cavalcante
ipassos@hcpa.edu.br

ADMINISTRAÇÃO
Assistente de Coordenação Administrativa:
Patricia Lopes Azambuja
(plazambuja@hcpa.edu.br);
Bibliotecária: Maria Luiza Farias de Campos
(mcampos@hcpa.edu.br);
Auxiliar Administrativa: Cátia Silva
(crsilva@hcpa.edu.br).

JORNAL - jornal@celg.org.br
Editoras do Jornal: Candice Campos, Betina
Kruter, Aline Rodrigues Wageck e Gabriela Favalli
Revisão: Ellen Garber
Jornalista Responsável: Vera Nunes (MTb 6198)
Diagramação e projeto gráfico: Design de Maria
(www.designdemaria.com.br)

O CELG É DE VOCÊS, PARA VOCÊS E POR VOCÊS!

São intensos os sentimentos enquanto escrevo. Esses dois anos presidindo nossa amada casa, o CELG, serão inesquecíveis. Casa, pois o lugar em que encontramos os velhos e novos companheiros, porque é onde aprendemos, nos unimos, criamos. Onde enfrentamos momentos difíceis e, às vezes, temerosas discussões. Se assim não fosse, não poderíamos chamar de casa. Mas como uma família, entre alegrias, conquistas e tensões, permanecemos juntos, ao longo de 60 anos de histórias.

Quero agradecer a todos vocês pela calorosa acolhida, pelas inúmeras parcerias, pelas palavras de sabedoria e de afeto e, em especial, pelas tantas mãos estendidas nos momentos difíceis. Como não agradecer, em especial, aos meus companheiros de diretoria e às fiéis e competentes funcionárias do CELG Patrícia Azambuja, Maria Luíza Campos e Mylena Gonçalvez. Quantas risadas, quantos sonhos, quanta confiança. É um privilégio e honra caminhar ao lado de pessoas como vocês.

Desde o início, seguimos tendo como pano de fundo as perguntas: onde somos necessários? Como podemos contribuir? Com quem podemos colaborar? E assim buscamos atender à demanda de sócios, professores, alunos e comunidade, nos aliando a todos aqueles que se dispuseram a sonhar em conjunto. Procuramos construir, pensando naqueles que nos sucederão em um mundo que se "reconstrói" com cada vez maior velocidade.

Pisar firme no futuro requer integração, colaboração, compaixão, confiança, sabedoria. Dez pessoas trabalhando juntas chegam muito mais longe que dez pessoas competindo por um "lugar de poder" que existe, muitas vezes, apenas na imaginação. Oportunamente, Harvard publicou recentemente sua coorte de 80 anos, mostrando que o único fator realmente associado à felicidade (e longevidade) é a qualidade das relações. Proponho que nos lembremos disso, que trabalhemos juntos, transformando sonhos coletivos nos tijolos do nosso futuro.

Nisso, essa diretoria foi um exemplo: trabalhando sempre em conjunto, com paixão e alegria! Jornada CELG 2018, com inscrições esgotadas em 700 participantes e 8 eventos simultâneos, edital sócio-professor, projeto gratidão, parcerias com Ministério Público, PUC, APRS, SPPA, FAMED, HCPA, simpósios, cursos, mídias sociais, conteúdo disponível de forma gratuita no YouTube. Conquistas de todos nós, possíveis graças a todos que nos antecederam, e que agora abrem espaço para o futuro que segue.

Queridos sócios, o CELG é de vocês, para vocês e por vocês. Aqueles que assumem o compromisso de estar na diretoria o fazem de coração, mantendo vivo esse espaço para que gerações e diferentes perspectivas criem e cresçam juntas. Obrigado pela confiança, ajuda e afeto! Foi uma honra!

SIMONE HAUCK
Psiquiatra. Professora da FAMED/UFRGS.
Preceptora da Residência de Psiquiatria do
HCPA. Presidente do Centro de Estudos
Luís Guedes (CELG)

A CIVILIZAÇÃO DO ESPETÁCULO DE VIDA E DE MORTE[1]

"Antes de falar sobre o pior dia de todos, quero falar sobre os outros dias, quando Realengo era apenas o nome de um bairro e não de um massacre, e eu era uma menina comum e não uma sobrevivente."
Daniela Kopsch, 2019[2]

Em abril de 1999, o mundo assistiu chocado ao emblemático ataque de Columbine, em cores, em tempo real, o mais grave assassinato em massa numa escola americana até então, executado por dois alunos adolescentes, preparados com armamento pesado, capaz de explodir e dizimar toda a escola, sendo até hoje um dos piores desse tipo em toda história. Vimos que algo havia mudado para sempre, um limite sagrado havia sido cruzado de forma irreversível.

À época, hoje vejo que de forma onipotente, imaginava que seria difícil acontecer numa escola brasileira. Tínhamos os respeitados SOEs (Serviço de Orientação Educacional) obrigatórios em qualquer escola pública e, muito frequentemente, setores de Psicologia Escolar. Além da nossa cultura latina, onde calor humano nada tem a ver com liberdades individuais, esses crimes pareciam traduzir uma invisibilidade desses alunos, um pouco incomum nas escolas brasileiras. Tal preocupação aparecia no estágio de consultoria escolar – disciplina que frequentavam todos que estavam na formação de psiquiatras da UFRGS. Lembro com admiração da dedicada e numerosa equipe da "Escola João Carlos Ferreira", que me recebia sempre muito interessada e ávida por uma escuta especializada em encontros inesquecíveis. Conversávamos sobre vários assuntos, desde dificuldade de alunos até o relacionamento dentro da instituição. Sei que continuamos tendo muitas valorosas iniciativas nas nossas instituições tanto no nível regional como internacional.

Também me lembrei da "Tia Paulina", uma querida atendente da internação infantil do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Eu, acadêmica, num estágio de férias, curiosa e sortuda, tendo supervisão das nossas inestimáveis Maria Lucrécia Zavaschi e Marlene Araújo, aprendia tudo que podia. Numa das tardes, um adolescente de uns 15 anos, internado por uma tentativa de homicídio, vestia uma capa de chuva pesada e longa em pleno janeiro de temperaturas saarianas, estava alucinando, ansioso, agitado, caminhava sem parar pela unidade, com um olhar de fera... eu fiquei com muito medo dele. A Paulina no alto de sua experiência sexagenária, olhou para o menino e disse com a maior naturalidade e carinho: "Meu Deus, o que tu estás fazendo com esse casacão nesse calor? Vamos tirar isso!" Eu gelei.... Eis que ele parou, olhou para ela e levantou os braços para ajudar a tirar o casaco, o olhar paranoide se desfez por um segundo, e eu aprendi uma lição para toda vida.

Quando vi os meninos homicidas de Columbine, me lembrei dessa cena e da nossa responsabilidade e missão na psiquiatria. Precisamos entender o contundente recado que eles queriam dar e que até hoje pouco se conseguiu entender e prevenir...Infelizmente, passamos a assistir a cenas desse espetáculo mórbido no Brasil, em Realengo em 2011, e em Suzano, agora em 2019, exatos 20 anos depois da tragédia americana, provável inspiração para mentes perturbadas... Vendo esse terrível pesadelo tornar-se mais frequente por aqui, no nosso país tão acostumado à pobreza, violência urbana, encharcada de tráfico e a outras mazelas comuns em países do hemisfério sul, quanta tristeza....

O QUE ESTAVA NA ORIGEM DAQUELA MALDADE FOI ALGO QUE PERDI MUITO TEMPO TENTANDO ENTENDER. POR QUE ELE FEZ ISSO? É UMA PERGUNTA SEM RESPOSTA QUE EU, POR FIM, TIREI DA MINHA CABEÇA. DISSERAM QUE SOFREU BULLYING NAQUELA MESMA ESCOLA E VOLTOU DEZ ANOS DEPOIS PARA SE VINGAR. ESPECIALMENTE DAS MENINAS. QUANDO ELE ENTROU EM NOSSA SALA NÃO CONHECIA NENHUMA DE NÓS E, NO ENTANTO NOS ODIAVA. IMPURAS. INFIÉIS. PECADORAS. PECAMINOSAS. PÁ. PÁ. PÁ. PÁ

TRECHO EXTRAÍDO DO LIVRO "O PIOR DOS DIAS", DE DANIELA KOPSCH

O que fazer? Sinto-me muito honrada de poder refletir junto com meus colegas do CELG e de todos que dele usufruem, de tentarmos entender que sintoma terrível é esse que o mundo tem assistido aumentar, os "*mass murders",* e mais especificamente, os *"school shooters"*[3], opto por usar termos em inglês porque foram forjados nos EUA, onde esses crimes são mais frequentes e mais estudados.

Agora, 40 anos depois daquele episódio na infantil e de uma longa experiência com pacientes crônicos, graves, infratores, aposentada após uma vida de convívio próximo com um dos mais temidos seres da sociedade, o doente mental perigoso, sinto-me como provida de um "terceiro olho" para o humano e o horror. Os doentes mentais infratores também, como os adolescentes na escola, executam crimes em ambientes sagrados, nas suas casas, contra suas famílias, suas mães, esposas, filhos, e também temos visto em igrejas e templos. Geralmente são presos em flagrante, não escondem seus delitos, ficam o resto de suas vidas marcados, doentes. A ocorrência é baixa, mas o impacto social enorme; diferente do infrator comum, que reincide, os crimes envolvem estranhos e patrimônio e têm uma taxa menor de suicídio que os pacientes do hospital psiquiátrico.

Fiz a mesma analogia com os assassinos em massa e os seriais, os perfis tendem a ser bem diferentes também. Os *serial killers* repetem os delitos de forma continuada e são difíceis de identificar e não costumam ser presos em flagrante. Os *mass murderers* pouco sobrevivem ao ataque, em geral um grande evento único contra mais de três vítimas, ou se suicidam ou sofrem "suicídio pela polícia", como descreve o FBI, que dispõe de uma cartilha com recomendações. Esclarecem sobre os mitos mais comuns desse tipo de crime: não é epidêmico, não há um perfil único, nem sempre os agressores são solitários e o acesso a armas não é o maior motivo, nem a vingança. Soluções fáceis para problemas complexos geralmente falham...

Vou partir das nossas pesquisas: não é comum o doente mental homicida se suicidar no local do crime, embora cometa agressão grave contra familiar, mãe ou companheira, e apresente geralmente síndromes psicóticas paranoides. No entanto, quando é o assassino de toda família, torna-se mais frequente, nestes casos, o suicídio ou tentativa, a presença de traços narcisistas de personalidade. Gradualmente, o perfil vem mudando, as psicoses processuais estão cada vez menos cor-

relacionadas com o aumento da violência. Observa-se uma predominância de abuso de substâncias químicas e o aumento de transtornos de personalidade.

Uma massa carcerária que se agiganta como um amontoado de corpos e mentes que cresce com o fermento da desassistência psiquiátrica...tendência mundial, diminuem vagas em hospitais, abrem vagas em presídios. Vou focar especialmente na saúde da criança e do adolescente. Assistimos a cifras estarrecedoras de homicídio no Brasil, geralmente de jovens, tanto agressores como vítimas. Recordo de um belo e premiado trabalho do nosso colega Ruben Menezes, que mostrou que, na população dos internados do nosso valoroso IPF, qualquer tratamento prévio diminuía a chance de um indivíduo cometer um homicídio.[4]

Sabemos que não estamos vivendo o apocalipse em termos de violência no mundo, como tão didaticamente Harari[5] nos mostrou, no aclamado "*Sapiens*". Apesar de tudo e todos, o ser humano está menos violento do que nunca na história, embora tenha cada vez mais formas sofisticadas de praticá-la. Chama a atenção o aumento de delitos de grande repercussão, cuja divulgação é de suma importância no contexto do crime. Não há lugar a salvo para nenhuma criança do mundo, nem na escola.

Em publicação recentíssima, os estudos com os *school shooters* mostram que são adolescentes, caucasianos, provindos de famílias nucleares, alunos medianos, variavam de isolados a populares e não tinham antecedentes disciplinares significativos. A maioria mencionou ter sido vítima de *bullying* ou perseguição. Não tinham diagnóstico psiquiátrico, mas quase todos tinham pensamentos ou tentativas prévias de suicídio. Referiram alguma perda recente, não são impulsivos, geralmente focam em algum professor ou membro do *staff* e têm alguma queixa contra algum dos alvos. Apresentam funcionamento paranoide, comportamento agressivo, descontrole da raiva, pouca supervisão e famílias disfuncionais, inabilidades sociais, fascínio por violência, acesso a armas, interesse por *medias* de cunho violento e pouca rede de apoio, ou seja, indivíduos de difícil acesso que provavelmente não buscam ajuda[6].

Meninos com "capas" ineficientes e sufocantes, como o menino violento aos 15 e nos muitos que chegavam no IPF vinte anos depois, com histórias de muitas falhas. Pensei no narcisismo como uma palavra muito atual; Gabbard relata que há um um aumento desse diagnóstico na população jovem e tem sido seu foco de estudo[7]. Green relê a teoria freudiana e nos mostra uma perspectiva dinâmica que dê conta da clínica contemporânea.[8.] Antes do um, da unidade narcísica, temos o zero, o negativo. Falhas na organização psíquica tornam o investimento no objeto um desinvestimento. Rosenfeld e o narcisismo de pele fina e de pele grossa voltam a ser um conceito muito atual, como refere Bateman, correlacionando essas estruturas à violência auto e heterodirigida[9]. Como ajudar os nossos jovens a tirar suas capas sufocantes e (des)protetoras e usar a sua própria pele para viver, tocar e ser tocados? Tia Paulina ousou... se arriscou com espontaneidade, dentro de um ambiente protegido e acolhedor. Se protegermos a escola, que transita num delicado espaço ente o público e o privado, unindo esforços de toda a sociedade para isso, acreditemos que sim, que seja possível fazer.

REFERÊNCIAS

1. Vargas Llosa, M. A civilização do espetáculo: uma radiografia de nosso tempo e nossa cultura. Rio de Janeiro, Objetiva, 2013.
2. Kopsch, D. O pior dia de todos. São Paulo, Alaúde editorial, 2019.
3. O'Toole, MH. Schoolshooter: A threatassessment perspective. Quantico, FBI academy.
4. Menezes, R. Esquizofrenia e Liberdade. Manicômios judiciários, reforma psiquiátrica e a era da saúde mental. Porto Alegre, Armazém digital, 2005.
5. Harari,YN. Sapiens: uma breve história da humanidade, Porto Alegre, LPM, 2017.
6. Knoll J, Newman,W.&Holoyda, B. Mass Murder. In:Rosner,R& Scott, C. Principles and practice of forensic psychiatry, 3 edition. Boca Ratón, USA, CRC Presss, 2019.
7. Gabbard, G, and Crisp, H. Narcisissm and its discontents: Diagnostic dilemas and treatment with narcisisistic patients. Washington, USA, APA, 2018.
8. Green, A. Narcisismo de vida, narcisismo de morte. São Paulo, Escuta, 1988.
9. Bateman, A.Narcisism and its relation to violence and suicide. In: Perelberg, R. et al. Psychoanalytic understanding of violence and suicide. East Sussex, UK, Routlegde, 1999

VIVIAN DAY

Psiquiatra, professora do Curso de Formação em Psicoterapia do CELG, membro da SPPA, coordenadora do Departamento de Psiquiatria Forense da APRS.

CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE E OS **PERIGOS DE UMA HISTÓRIA ÚNICA**

Chimamanda Ngozi Adichie é uma das mais influentes vozes do feminismo e da luta racial da atualidade. Segundo ela, "feminista é o homem ou a mulher que diz: sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar". É com naturalidade e simplicidade que ela propõe que as desigualdades sejam reconhecidas e endereçadas sem agressividade. É escritora de contos e romances premiados (Common wealth Writers, Bailey's Women's Prize for Fiction, National Book Critics Circle Award, O. Henry Prize, entre outros). Atua também no campo da não ficção, realizando palestras e escrevendo manifestos e artigos em variados jornais e revistas. Na moda, fez parceria inusitada com a primeira mulher a ser diretora de criação da famosa marca francesa Dior. Na música, seu discurso para o TEDx talk "Sejamos todos feministas"[2014 (2012)], assistido por mais de 3 milhões de pessoas, foi incorporado à canção de Beyoncé ***Flawless*.

Nascida em 1977, Nigéria, é a quinta entre seis irmãos. Segundo seus relatos, teve uma infância confortável, uma família amorosa, com rico acesso à cultura. Seu pai era professor universitário e sua mãe foi a primeira mulher a trabalhar em um cargo administrativo desta mesma instituição. Foi uma leitora precoce e marcadamente influenciada pela literatura europeia ao longo de sua adolescência. Aos 19 anos, desistiu da faculdade de Medicina e mudou-se para os EUA para estudar comunicação. É formada em Ciências Políticas e Comunicação com honrarias máximas, e Mestre em Escrita Criativa. Hoje, é casada e mãe de uma menina.

Dentre suas obras, escolho comentar "*Americanah*", uma história de amor moderna, com um final irreverente, lançada em 2013. Além da qualidade narrativa do romance, ler "*Americanah*" é sobre a experiência de perceber o mundo de formas diferentes, ou como diz a autora operar uma mudança em sua percepção da realidade. Não se sai dessa leitura igual. Temas como identidade, gênero (desigualdade), imigração (preconceito), solidão, cultura (choques) e o peso das escolhas são astutamente retratados enquanto personagens reagem às suas situações de vida.

"*Americanah*" conta a saga de um casal de jovens nigerianos, namorados desde o colégio, que têm seus destinos separados quando ela tem a chance de estudar fora. Obinze e Ifemelu são o retrato da vontade e da promessa de bem-suceder. Dotados de cultura e ambição, não se acomodam frente aos limites impostos pelo sistema de sua terra natal. Querem desbravar novos mundos e tentar todas as oportunidades. Acompanhando de perto a sofrida batalha desses dois por sobrevivência e crescimento longe de sua pátria e de suas famílias, viajamos por temas atuais e somos convidados a questionar.

Mas, preste atenção a um fato marcante do romance: estes não são jovens negros africanos refugiados, empobrecidos e vitimizados. A obviedade passa longe dessa história. O desejo da experiência no estrangeiro não nasce da necessidade de fugir das dificuldades da terra natal, mas da possibilidade de sonhar com um horizonte ampliado. Ele na Europa, ela nos EUA, ambos passam por experiências duríssimas que não os constituem como vítimas. O problema é que o mundo ao redor deles só parece ser capaz de identificá-los como tal.

Ele, Obinze, na Europa vive a penosa realidade da luta entre cidadãos europeus, imigrantes e refugiados. Todos atrás de um espaço justo de sobrevivência. De um lado, o cidadão europeu aflito e espoliado tendo que dividir oportunidades, alarmado por noticiários insistentes sobre a chegada e tomada dos estrangeiros. De outro, o europeu intelectual branco, superficialmente adepto do politicamente correto, preocupado em representar certa moralidade, mas sem que isso signifique complexidade cultural e empatia. Nesse ambiente, a autora diligentemente desnuda as opções com as quais o tema das desigualdades (entre eles, imigração e cultura negra) é comumente tratado: uma mescla de passividade rasa e condescendência alternada com preconceito e ignorância. A piedade bem-

-intencionada, que serve para disfarçar distanciamento e desconhecimento, não é diferente da discriminação porque, como diria Adichie, não produz humanização.

Nos EUA, Ifemelu conhece o racismo, a ignorância e o trauma. Vai desbravando novos caminhos e construindo sua identidade, apesar dos lugares comuns reservados aos imigrantes, aos negros e às mulheres. Nascida e criada na África, encara com espanto as sequelas da escravidão e da segregação, ferida recente, dolorida e ainda aberta. Partindo das diferenças entre o negro americano (african american) e o negro africano morando nos EUA, a protagonista começa a escrever um blog para dar voz às suas inquietações. Através deste moderno recurso de linguagem, a autora (Chimamanda-Ifemelu) é capaz de abordar a desigualdade de gêneros, o problema racial, a imposição sistemática de padrões de beleza e a opressão com profundidade e dor, mas com uma franqueza que desarma e faz pensar. Sobriedade e perspicácia marcam as reflexões que convocam o leitor para uma modificação interna.

Na última parte do livro, em seu retorno para Nigéria, Ifemelu ainda nos brinda com questionamentos sobre os destinos do amor. Quando termina a leitura, sente-se falta de uma amiga de olhos de lince, aquela com quem vale a pena conversar.

O motivo de trazer esta experiência para o jornal do CELG é beber da arte literária para enriquecer nossa prática como analistas e terapeutas, mas também como cidadãos, como Freud nos ensinou. A Psicanálise, dentre tantos outros desígnios, é uma arte de escutar histórias. O trabalho daquele que escuta é engajar-se em cenários variados e desconhecidos, repletos de pessoas misteriosas, lutando e desbravando mundos e sentidos, tudo relatado por um interlocutor que espera ser salvo de suas misérias e mesquinharias. Para aqueles que vivem de escutar histórias, "*Americanah*" é um útil alerta daquela que vive de contar histórias. Este romance sintetiza uma das ideias que a autora defende desde sua palestra de 2009, intitulada "Os perigos de uma história única" (2009), e que se mostra bastante pertinente não apenas para encarar desigualdades e preconceitos na nossa sociedade, mas que nos serve dentro dos consultórios também.

Segundo Adichie, a história contada desde uma perspectiva única cria e perpetua estereótipos que, apesar de não serem necessariamente falsos, são dramaticamente incompletos, roubando o sujeito de sua dignidade. Diferentes versões de uma história única, repetidas ao longo de um período no tempo, achatam a experiência humana e negligenciam saídas saudáveis de alteridade. A pessoa que procura o psicanalista, o psicoterapeuta está portando muitas vezes uma história única, ou infinitas versões de uma única e mesma história de si mesmo. A Psicanálise nasceu do interesse de escutar histórias de mulheres que eram interpretadas de acordo com uma norma única e alheia a elas. Freud quis ouvir novas versões da experiência. Então, concordamos com Adichie: histórias podem e devem ser usadas para empoderar, humanizar e reparar a dignidade perdida. O que precisamos são experiências que nos mostrem uma saída para os perigos das histórias únicas.

SE VOCÊ SE INTERESSAR POR MAIS OBRAS DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE:

- "Hibisco Roxo" (2003)
- "Meio sol amarelo" (2006)
- "Para educar crianças feministas: um manifesto" (2017)

AS PALESTRAS MENCIONADAS PODEM SER ENCONTRADAS NOS LINKS:

- "Os perigos de uma história única": https://youtu.be/D9Ihs241zeg
- "Sejamos todos feministas": https://youtu.be/mSO5EgN1MII

SE VOCÊ QUER SUGESTÕES DE LEITURA PARA FUGIR DOS PERIGOS DE UMA HISTÓRIA ÚNICA:

- Leia da também nigeriana Buchi Emecheta, "As alegrias da maternidade", livro indicado por Adichie para o clube de leitura brasileiro TAG em outubro de 2017.
- Yrsa Daley-Ward, filha de mãe jamaicana e pai nigeriano, escreve poemas contemporâneos belíssimos e comoventes. Tente "Bone" e "The Terrible" (ainda sem tradução no Brasil).
- No Brasil, Djamila Ribeiro vem despontando com "Quem tem medo do feminismo negro?", uma reunião de ensaios, incluindo um autobiográfico, que está sendo muito bem recebido pela crítica.
- Se você gosta de clássicos: Toni Morrison, primeira mulher negra a receber o Nobel de literatura, é imperdível.

PARA JUNTAR PSICANÁLISE, FEMINISMO E QUESTÕES DE GÊNERO:

- Nancy Chodorow em "Feminism and Psychoanalytic Theory" (1989) traz reflexões incrivelmente atuais e pertinentes.
- A coleção de trabalhos intitulada "Dialogues on Sexuality, Gender and Psychoanalysis", editada por Iréne Mathis, da Karnac Books, com contribuições de Joyce McDougall, Jessica Benjamim, Julia Kristeva, entre outras, é inspiradora.

CAROLINA STOPINSKI PADOAN
Psicóloga
Especialista em psicoterapia psicanalítica
Mestre em psiquiatria

FESTA
60 ANOS DO CELG

A festa de comemoração dos 60 anos do Celg deu continuidade ao clima alegre e fraternal do Simpósio, que teve início na manhã de sábado, 25 de maio último, contando com uma participação expressiva de sócios e não sócios.

Em um ambiente preparado com muito carinho, cerca de 200 pessoas reuniram-se para cantar o parabéns ao Centro de Estudos Luís Guedes, instituição tão significativa para os sócios e para a comunidade da área da Saúde Mental. Fábio Wilhelms foi o mestre de cerimônia, dando sequência à sua participação no Simpósio.

A comemoração contou com as presenças de Lucia Kliemann, diretora da Faculdade de Medicina da UFRGS, Nadine Clausell, presidente do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Marcelo Fleck, que é chefe do departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da UFRGS e representou também o DPML e os Serviços de Psiquiatria do HCPA, além de inúmeros professores, sócios e convidados. Glen Gabbard, sócio honorário do CELG e convidado internacional do Simpósio, prestigiou o jantar e a homenagem, assim como Zelig Libermann, presidente da SPPA e sócio do CELG.

Na homenagem aos ex-presidentes do CELG, a presidente Simone Hauck ressaltou a importante contribuição de cada um deles para que o outrora modesto Centro de Estudos tivesse se desenvolvido com tanta constância e solidez. Lucrécia Zavaschi manifestou-se em nome dos ex-presidentes, em um belo discurso que comoveu a todos. Os homenageados receberam um objeto criado pela artista plástica Ângela Pettini, uma lembrança concreta por suas generosas participações no desenvolvimento da instituição.

As funcionárias Patrícia, Maria Luísa e Mylena foram lembradas por sua dedicação e seu suporte em todas as conquistas da diretoria, que se despede ainda este ano. A presidente Simone Hauck agradeceu ainda a parceria de seus colegas de diretoria, uma pequena família dentro da família maior que é o nosso CELG.

EXCELÊNCIA CIENTÍFICA

Orgulho, satisfação, alegria: o CELG completa 60 anos! Tornar-se sexagenário com 370 associados e em plena atividade é resultado da dedicação continuada de sucessivas gerações de colegas que investiram seus esforços, tempo, afeto e capacidade criativa em sua manutenção e desenvolvimento. Há muito a agradecer e celebrar! E uma associação científica comemora da forma que lhe é própria: promovendo o estudo e disseminando conhecimento sobre temas relevantes ao seu meio.

Bem-estar e saúde na vida profissional e acadêmica foi o tema escolhido para o SIMPÓSIO CELG 60 ANOS, realizado em 25 de maio, no Hotel Sheraton Porto Alegre. Sediado no HCPA e em permanente contato com a Famed/UFRGS, nosso Centro de Estudos comemorou seu aniversário refletindo sobre nossa própria saúde e das gerações que estamos formando. Cresce no mundo a preocupação com a saúde mental dos acadêmicos, médicos e profissionais da área da saúde. Os médicos morrem mais cedo e apresentam índices maiores do que a população em geral em *burnout*, adição a substâncias, suicídio e mortes violentas. Apesar do maior conhecimento sobre saúde/ doença e da facilidade de acesso a recursos de tratamento, disparam os índices de depressão, abuso de substâncias, automutilação e suicídio entre profissionais, acadêmicos de medicina, residentes e pós-graduandos. Torna-se necessário refletir sobre nossa cultura, modelos identificatórios, práticas profissionais e de ensino.

O Simpósio iniciou pela manhã com o sócio honorário do CELG - Glen Gabbard - falando sobre as armadilhas do perfeccionismo, e seguiu com Flavio Kapczinski trazendo uma perspectiva internacional sobre a busca da excelência e clima de trabalho, e Cláudio Eizirik discorrendo sobre amor e ódio na cultura institucional. Também foram abordados o papel das instituições, o impacto da realidade nas redes de saúde pública sobre o profissional, a abordagem motivacional e abordagens preventivas. A experiência de ser acadêmico foi tema de uma interessante mesa coordenada pela Diretora da Faculdade de Medicina, Dra. Lúcia Kliemann, e composta pelo Núcleo de Apoio ao Aluno, da Famed/ UFRGS, Projeto Pega Leve, Liga de Psiquiatria e Saúde Mental (UFCSPA/ UFRGS), Núcleo de Apoio ao Estudante (UFRGS) e Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Atenção à Saúde (CIPAS/ UFRGS).

O Simpósio foi encerrado com um animado *coffee break* e sessão de autógrafos dos livros *"Psychoanalysis and Psychiatry: partners and competitors in the mental field", "Personalized Psychiatry: Big data analytics in mental health"* e *"Narcissism and its discontents"*.

A celebração dos 60 Anos manteve assim o DNA do CELG: um clima de integração fraterna, de afeto e alegria associado à excelência cientifica das apresentações. Longa vida ao CELG!

PATRÍCIA LAGO
Diretora Científica do Celg

REALIZAÇÕES QUE MARCARAM **60 ANOS DE HISTÓRIA**

É uma alegria e uma honra haver sido convidada por esta valorosa Diretoria, a fim de dar voz aos presidentes, que como Simone em tempos anteriores, dedicaram-se ao nosso Centro de Estudos Luís Guedes e a seus grupos de trabalho, porque, sabemos, ninguém realiza uma tarefa dessa magnitude de forma solitária.

No dia seguinte ao convite, sonhei que Simone me dizia "Amo o CELG, nas alegrias e nas tristezas".

Posso afirmar que eu também.

Que nós também. Um casamento estável e criativo que tem experienciado um círculo virtuoso de crescentes conquistas.

Aqui estamos por esta razão, por afeto, por confiança, pelo desejo de conhecimento.

Cada um, à sua maneira e de acordo com seu dom, contribuiu, e segue contribuindo, para esta exitosa trajetória.

Chegamos ao nosso jubileu de diamante! Segundo os geólogos, este é o elemento mais resistente criado pela natureza. O diamante, como nós, humanos, para revelar os valores nele contidos, necessita de outro diamante pois esta joia vem sendo lapidada com muito empenho, energia e até sacrifícios, por inúmeras gerações, há sessenta anos. Seria necessário enumerar todos os feitos de seus ex-presidentes e suas equipes para fazer-lhes justiça. Necessitaríamos, para tanto, de muitas noites.

Por hora, temos que reconhecer que o Centro de Estudos cresceu, desenvolveu-se, assumindo um *status* de respeitabilidade não só em âmbito de nosso estado quanto de nosso país. Dos oito membros fundadores nos convertemos em 360 sócios, que cuidadosamente foram sendo capitaneados por sucessivos habilidosos presidentes que assumiram o timão deste barco.

É da força-tarefa e união de muitas pessoas que este *sui generis* grupo vem resistindo a intempéries, mudanças climáticas, alterações de rota, atualização de tecnologias, revisão dos mapas de orientação, renovação da tripulação, entre outras vicissitudes. Trata-se também de uma tripulação que usufrui das calmarias: canta, dança, aprecia a arte, a literatura e realiza, quando em vez, banquetes comemorativos como este.

Como começou esta história? Os jovens pioneiros, recém-egressos do curso de Especialização da então cátedra de psiquiatria da Faculdade de Medicina, não se contentaram em exercer individualmente sua profissão, e buscaram lapidá-la sugerindo a seus mestres David Zimmermann e Paulo Guedes que se criasse um espaço para manter o grupo coeso e produtivo, assim garantindo a união de seus membros e a continuidade dos estudos. Quem eram os jovens egressos da primeira turma da cátedra de psiquiatria? Romualdo Romanowski, Fernando Guedes, Paulo Machado, Moyses Roitman, Ellis Busnello, Enio Arnt e Germano Volmer, então doutorando convidado!

Os professores David Zimmermann e Paulo Guedes acolheram imediatamente a ideia e pleitearam com sucesso seu reconhecimento junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O nome de Luís Guedes foi uma homenagem ao pai do Professor Paulo Guedes, que era psiquiatra e guardava afinidades com a Psicanálise.

Com o tempo, eles, gratos pelos ensinamentos recebidos, decidiram também ensinar. A maioria de nós teve o privilégio de abeberar-se de seus conhecimentos.

Uma das importantes mudanças de rota foi a transferência do Hospital São Pedro para o Hospital de Clínicas; sem a ajuda de nosso querido Sérgio Machado, então presidente do Hospital de Clínicas, não teríamos conseguido tal façanha. A ele nossa gratidão.

Para ser justa e efetivamente representar nossos ex-presidentes, teria que trazer suas histórias, seus feitos, seus currículos, mas na impossibilidade de fazê-lo preciso dizer seus nomes em voz alta, pois eles, e tudo que representam, nos conduziram a esta festa! A eles nosso profundo agradecimento:

- PAULO LUIS VIANA GUEDES (1959-1969), primeiro presidente
- DAVID ZIMMERMANN (1970-1976)
- ODON FREDERICO CAVALCANTI CARNEIRO MONTEIRO (1977-1979)
- MOISES ROITMAN (1979-1981)
- CLÁUDIO LAKS EIZIRIK (1981-1983)
- ROGÉRIO WOLF DE AGUIAR (1984-1987)
- SIDNEI SAMUEL SCHESTATSKY (1987-1989 / 1989-1991)
- ARISTIDES VOLPATO CORDIOLI (1991-1993)

- PAULO FERNANDO BITTENCOURT SOARES (1993-1995 / 2007-2009 / 2009-2011 / 2013-2015)
- FERNANDO GRILO GOMES (1995-1997 / 1997-1999)
- FLÁVIO PECHANSKY (1999-2001)
- FLÁVIO KAPCZINSKI (2001-2003 / 2003-2005)
- MARIA LUCRÉCIA SCHERER ZAVASCHI (2005-2007)
- MARCELO PIO DE ALMEIDA FLECK (2011-2013)
- ANA MARGARETH SIQUEIRA BASSOLS (2015-2017)
- SIMONE HAUCK

Depois de sessenta anos de sua fundação, resolvi escrever uma carta singela ao professor fundador pois ele, além de médico e psicanalista, era compositor e poeta. Acho que ficaria orgulhoso em saber que continuamos a segurar o timão do barco.

"Querido professor Paulo Guedes, nosso primeiro presidente: em seu nome, gostaria de homenagear a todos os nossos ex-presidentes, à nossa presidente atual e a aos que a ela sucederão:

O barco segue seu curso: temos vislumbrado terras muito distantes, desde que partimos em 1959. Com destemor, às vezes chegamos a enfrentar temporais, outras vezes calmarias, mas nunca ficamos à deriva, e até agora nossa mais jovem timoneira é ousada e aporta terras promissoras. Ocorre às vezes que mesmo capitães jubilados seguem no barco, porque muitos jovens marinheiros ainda gostam de ouvir suas histórias ou até mesmo pôr em prática seus ensinamentos, que nunca perdem sua surpreendente atualidade. Tem uns professores que ainda dão aulas de navegação, pois algumas manobras antigas seguem sendo úteis, sobretudo se complementares às novas tecnologias e descobertas; uns na proa, outros no convés, sempre acompanhados dos novatos marujos, seguem usufruindo da navegação, que é uma paixão constante. Posso até contar-lhes os nomes, pois foram seus descendentes: são o Sidnei, o Cláudio, o Rogério o Fernando Gomes, o Cordioli, e até eu... Não largamos o barco porque amamos esta vida.

E agora preciso contar a todos a poesia que o senhor escreveu, que é uma forma de homenagear a todos que foram e que serão presidentes deste importante e necessário Centro de Estudos, para que siga sua viagem.

A MODA DO MOÇO MACHO

- Meu filho segura o leme
que teu pai vae descansar...
Venho de longe – de ontem –
hoje foi meu amanhã!
Meus olhos já viram muito,
meus ouvidos mais ouviram,
meus sentimentos sentiram,
o que, amanhã, vaes sentir...
meu filho, segura o leme,
teu pai precisa dormir.

- Não dormi, senhor meu pai!
inda sou apenas filho...
e quando escasseia o brilho
do sol
e a noite escurece o mar,
cismo em tanta assombração
que o medo invade meu corpo...
senhor meu pai, quem sou eu
prá ocupar vosso lugar?

- És filho e sendo meu filho
És filho do filho do pai –
de meu pai de quem sou filho –
e quando faltar o brilho
do sol que clareia o mar,
põe tino em mim, me repara
e verás, então, bem cedo
que teu medo terá medo
de nós três dentro de ti!

- Senhor meu pai, dai-me o leme,
deitai, descansai, dormi!"

Autor: Paulo Luis Vianna Guedes, do Livro "João Baré Poemas."

MARIA LUCRÉCIA ZAVASCHI
Especialista em Psiquiatria da Infância e Adolescência, Psicanalista pela SPPA e Presidente do CELG 2005/2007

UM CIRURGIÃO PLÁSTICO **ESCULTOR**

REFLEXÕES DE UMA TRAJETÓRIA EM BUSCA DA PLENA REALIZAÇÃO A PARTIR DA ARTE

Nos últimos anos, a escultura tornou-se presente de forma intensa em minha vida, e uma das perguntas mais frequentes que me fazem é como, sendo médico cirurgião plástico, consigo administrar as duas atividades. Ao procurar responder à pergunta, identifico dois aspectos importantes que ajudam a entender a trajetória até aqui. Certamente o perfil familiar no qual cresci foi determinante, mas uma capacidade de refletir sobre certas condições, presentes em minha vida profissional, também contribuíram para eu ter novas iniciativas por volta do 40 anos de idade.

Não tenho lembranças dos meus primeiros dois anos de vida, mas vejo, através das fotos, que foram vividos enquanto meu pai, médico, fazia sua especialização em psiquiatria na França. Entre tantas fotos em meio a pontos turísticos famosos da Europa, uma que me chama a atenção é na que estou todo encasacado, sozinho, diante da célebre escultura de Balzac, feita por Rodin em 1897, e que se encontra no museu que leva o nome do escultor em Paris. Minha admiração pela obra de Rodin tornou-se algo consciente em anos que se seguiram após minha primeira visita ao museu, a tal ponto de eu ter repetido a foto diante de Balzac em outras três idas a Paris, sendo na última já com meu filho, Dante, em 2017. Não penso aqui em alguma influência direta de Rodin sobre minha carreira como escultor, mas acredito que o estímulo que recebi desde cedo, ao acompanhar meus pais diante de belos monumentos e obras de Arte, característicos da Europa, contribuíram sim para a construção de uma personalidade curiosa, sensível e observadora.

Desde cedo, desenhar foi sempre muito natural e espontâneo para mim. Não sendo alto, tampouco bom jogador de futebol, o desenho foi meu forte aliado na construção de uma autoestima durante os anos de colégio. Já naquela época, muito antes de pensar em fazer medicina, eu demonstrava uma curiosidade especial sobre o corpo humano. Folhar os atlas de anatomia na biblioteca de casa saciava minha curiosidade sobre quais mecanismos estariam por trás dos movimentos dos dedos, dos batimentos cardíacos, ou do olhar.

A escolha por fazer medicina foi tranquila, ainda que por apresentar um perfil criativo e mais aberto a vários interesses, às vezes recebesse por parte de professores conselhos de buscar na arquitetura ou na publicidade um campo de atuação. Durante o curso de medicina, a escolha pela cirurgia plástica foi quase que natural, a partir do momento em que entrei em contato com a especialidade. A cirugia plástica lida diretamente com a anatomia e, ainda que hoje ela conte com inerentes avanços tecnológicos da medicina, permanece, ao

mesmo tempo, sendo bastante artesanal e dependente da destreza e criatividade do cirurgião.

Identifico bem que, neste ponto, meu interesse pelo tridimensional passou a se sobrepor aos desenhos. Minhas primeiras esculturas, em caráter empírico, eram modelos em argila que eu procurava fazer como estudos, a partir das belas ilustrações anatômicas de Frank Netter.

Após minha formação em 1998, seguiu-se um período de intensa dedicação à minha especialização. Após os anos de residência em cirurgia geral e plástica, um ano de *fellow* em cirurgia reparadora e microcirurgia na França e mestrado concluído em 2009, lá estava eu buscando me estabelecer no mercado de trabalho. De lá pra cá, após inúmeras vivências, encontro-me feliz nos campos em que atuo, seja na reconstrução mamária, na cirurgia estética, como também na cirurgia plástica do trauma.

Entretanto, em meados de 2008, reflexões me fizeram perceber que, mesmo tendo alcançado objetivos profissionais, eles não se traduziam numa plena realização de vida. Àquela altura, sentia que projetos artísticos que vinham sendo cultivados com o passar dos anos precisavam se manifestar. A anatomia sempre foi o fio condutor deste processo, e a vontade de expressá-la de forma estética passou pela minha aproximação com o bronze, ao conhecer o fundidor artístico Jamil Fraga, naquele mesmo ano. O amadurecimento veio entre os anos de 2015 e 2016. Naquele ponto, novas referências artísticas, sobretudo do escultor francês Pierre Matter, associadas a uma forte influência estética dos filmes de ficção científica confluíram para um processo criativo autodidata, que resultou na série de esculturas *"Homo Machina"*. Nelas, passei a agregar peças elétricas e mecânicas às formas humanas esculpidas em bronze, que resultaram em esculturas híbridas, remetendo ao clássico conceito de homem-máquina, ou ciborgues. Após estrear com três obras em um salão de artes internacional, em São Paulo, o 5º Salão de Outono da América Latina, em 2017, e ser agraciado com o Prêmio Figwal de melhor escultura, tive a honra de receber o convite da Direção do Museu de Arte do RS, o Margs para realizar minha primeira individual em 2019. A repercussão da exposição foi extremamente positiva e, devo confessar, procuro preservar a ideia de que ter configurado como artista no principal museu de nosso estado, no pouco tempo em que exerço esta atividade, não é algo com o que em eu queira me acostumar.

É natural que o reconhecimento público gratifique

o artista, mas de qualquer forma cabe aqui registrar que neste processo os meios se sobressaem aos fins, e a verdadeira realização que identifico atualmente é o enorme prazer que sinto enquanto estou esculpindo, algo que para estudiosos da área define-se como "*flow*".

As reflexões que sempre busquei, visando me situar de forma mais ampla na trajetória de minha vida, foram determinantes nas tomadas de atitudes que resultaram em minha recente carreira artística. Porém, acredito que os ingredientes que se apresentaram foram decorrentes de um processo criativo construído a partir de uma personalidade curiosa, aberta aos mais diversos temas, principalmente relacionados ao Homem.

Talvez a conclusão mais lógica até aqui é que, mesmo tendo me tornando médico e fazendo uma boa medicina até hoje, eu sempre quis ser Artista, o que de fato agora está ocorrendo.

**Paulo Favalli está com a exposição "Homo Machina" nos 500 anos pós-Leonardo da Vinci, presente na Casa Memória e Cultura Unimed/RS, na Rua Santa Terezinha, 263, em Porto Alegre, até 30/09/2019.*

PAULO PEREIRA DE SOUZA FAVALLI

Cirurgião Plástico e Escultor. Mestre em Medicina e Ciências da Saúde. Atua em reconstrução mamária, cirurgia estética e cirurgia do trauma. Prêmio Figwal de escultura do 5º Salão de Outono da América Latina, 2017

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS

Os filmes comentados nesta seção do Jornal do CELG costumam ser recentes. Resolvi, então, escrever sobre "*Sociedade dos Poetas Mortos*", lançado trinta anos atrás, em 1989. Se alguém apontar minha evidente contradição, posso argumentar – contando com uma dose de licença poética – que um filme atemporal também pode ser considerado atual.

A história se passa nos meses frios de 1959. É o começo de um novo ano na Welton Academy, um colégio interno de ensino médio preparatório para a entrada na universidade, uma instituição de elite voltada exclusivamente para jovens do sexo masculino. O personagem com quem atravessamos o caminho narrativo é Todd Anderson,um garoto tímido que está chegando à escola. Todd é acomodado no mesmo quarto que Neil, um dos mais promissores alunos da Welton Academy. Rapidamente, Todd se aproxima dos amigos de Neil: Knox, Cameron, Meeks, Pitts e Charlie.

Com o início das aulas, um novo professor de literatura é apresentado: John Keating, ele mesmo um ex-aluno da escola. No primeiro encontro com a turma, Keating questiona o livro-texto que serve de referência para o estudo. Após solicitar que um dos jovens leia a parte que ensina uma espécie de fórmula matemática para avaliação da qualidade de um poema (como se a poesia fosse um quadrilátero cuja área total pode ser calculada com a multiplicação de seus lados), o professor orienta que todo aquele capítulo seja arrancado do livro. Depois de um breve momento de incompreensão, a rasgação ocorre. Uns o fazem com prazer, outros perplexos e algo contrariados. Uma cena ainda do primeiro dia dá o tom do comportamento de Keating: em frente ao mural de fotos de antigos alunos da escola – um dia jovens invencíveis, com olhos cheios de esperança, mas todos já mortos –, ele pede que sejam lidos os primeiros versos do poema "*To the Virgins, to Make Much of Time*", de Robert Herrick. *Gather ye rosebuds while ye may/Old time is still a-flying/ And this same flower that smiles today/Tomorrow will be dying*. Keating resume a estrofe com a expressão em latim *Carpe diem*. Aproveitem o dia, diz ele aos alunos. Tornem suas vidas extraordinárias. Antes que seja tarde.

As aulas seguintes de Keating continuam norteadas pela não ortodoxia. Enquanto a maioria dos alunos se encanta com seu espírito desafiador e libertário, a direção da escola passa a prestar atenção e estranhar a modalidade de ensino tão distante da sua política oficial. O grupo de jovens descobre que Keating fez parte, nos seus tempos de ensino médio, da *"Sociedade dos Poetas Mortos"*, uma turma de alunos que se reunia em uma caverna nos arredores do colégio para ler poesia. Todd, Neil, Knox, Cameron, Meeks, Pitts e Charlie, uns decididos, outros reticentes, resolvem recriar a Sociedade. Na caverna, mantendo o colorido ritualístico do grupo original, celebram a liberdade que sentem não ter em suas casas e na própria Welton Academy. Em uma noite, inclusive, duas garotas são levadas até lá, gerando um misto adolescente de excitação e angústia e simbolizando o caráter emancipatório dos encontros.

Alguns são especialmente inspirados por Keating. Todd, retraído e calado, descobre em si uma veia poética ruidosa. Knox se apaixona e resolve lutar pelo objeto – proibido – de sua paixão. Neil acredita encontrar sua verdadeira aspiração: ser ator de teatro. Porém, as coisas desandam. Surge um conflito entre a liberdade sentida e cada vez mais ansiada pelos jovens e a realidade cerceadora. A autodeterminação se mostra um faz de conta. Tanto pelo entorno de fato castrador como por uma necessidade interior de punição frente à transgressão (real ou fantasiada). Charlie publica artigo não assinado no jornal da escola defendendo o ingresso de mulheres na instituição e, quando assume a autoria, recebe castigo físico. O diretor da escola, concluindo que os alunos estão sob má influência, repreende Keating. Inutilmente, o professor argumenta que sua concepção de educação é ensinar a pensar por conta própria. Pressionado pelo diretor, Keating conversa com os alunos e explica que há momentos para ousadia e momentos para cautela; que, às vezes, o que parece audácia é somente estupidez. No entanto, é tarde demais.

A parte final da trama se desenvolve ao redor das pretensões dramáticas de Neil. Contrariando a ordem de seu pai, ele se candidata ao papel principal de uma montagem de Shakespeare e é escolhido. No dia da apresentação, o pai aparece sem avisar no teatro. Ao fim, apesar de seu grande desempenho, a notícia que Neil recebe dele é de que será retirado da Welton Academy e colocado em uma academia militar para estudar e se preparar para a faculdade de medicina. Tentando evitar entregar todo o enredo, posso dizer que o desfecho é, em maior ou menor grau, trágico para todos os envolvidos.

Há no filme alguns conflitos claros: vanguardismo *versus* conservadorismo, inovação *versus* tradição, liberdade *versus* contenção, desafio *versus* segurança. A

escola, especialmente na figura de seu diretor, é o antigo que se impõe pela experiência de sucesso em atingir um objetivo bastante circunscrito: a admissão em uma boa universidade. Não pode haver concessões, sob pena de colocar o garantido em risco. O professor Keating é o novo que seduz com a oferta imediata da abertura de um novo mundo – interno e externo. Não pode haver restrições, sob pena de acabar preso à mediocridade. Essa dialética retratada é, vale dizer, constante na história de todos nós.

Em *"Sociedade dos Poetas Mortos"*, uma possibilidade atraente é cerrar fileiras com o professor Keating e seus alunos. A respeito disso, o crítico de cinema Inácio Araújo escreve: "Como não ficar ao lado do professor? E como não compreender sua batalha contra o obscurantismo pedagógico? Existe algo de tão incontestável nisso que só esteriliza o filme. Nos descobrimos lúcidos e nos felicitamos por isso. Mas é só". Não concordo totalmente com a opinião (pois não acho que o filme seja estéril e que se resuma ao espectador se aliar aos mocinhos contra os bandidos e, assim, ficar satisfeito com sua própria lucidez), mas sua essência faz sentido: a escolha de um lado é uma tentativa de simplificar uma questão bem complexa. Fico sendo remetido aqui ao conflito bastante conhecido por quem trabalha com princípios psicodinâmicos: prazer *versus* realidade. O prazer se oferece como uma alternativa sedutora, mas o que vemos – como nos quadros de adição e outros tantos mais – é que a busca pelo prazer contínuo na ausência de qualquer consideração pela realidade representa o caminho mais curto para a destruição.

A realidade nos impõe limites. Deparar-se com eles e aprender a respeitá-los são atribuições fundamentais do acidentado caminho do amadurecimento. O remédio contra essa minha colocação aparentemente reacionária é que a única forma de encontrar tais limites é tendo liberdade. Para ficar em um único exemplo: só podemos descobrir que um amor é impossível se somos livres para amar. É esse conflito humano incurável – do admissível com o inconcebível, do factível com o ilusório, do que podemos com o que não podemos – que se descortina em *"Sociedade dos Poetas Mortos"* e o torna sensível e atemporal.

MÁRIO BARCELLOS
Psiquiatra e psicoterapeuta. Especialista em psicoterapia de orientação analítica pelo CELG. Professor do Curso de Formação em Psicoterapia de Orientação Analítica do CELG. Membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

NOVA DIRETORIA

FELIX KESSLER É O PRESIDENTE DO CELG NA GESTÃO 2019/21

A posse da nova diretoria do CELG foi celebrada no dia 11 de julho de 2019 e contou com a presença de inúmeros associados. Simone Hauck encerrou sua gestão e passou a presidência para Félix Kessler, que estará à frente do CELG pelos próximos dois anos.

Em seu discurso de posse, o novo presidente relatou que o CELG, tendo completado 60 anos em 2019, encontra-se em sua fase de maturidade, mas com motivação e ambição juvenis. Sem deixar de preservar a tradição, sua gestão buscará maior aproximação das novas tecnologias e dos avanços em psicoterapias e neurociências, agregando valor à formação em Saúde Mental.

DIRETORIA CELG 2019-2021

PRESIDENTE
Felix Henrique Paim Kessler

DIRETOR FINANCEIRO
Marco Antônio Caldieraro

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Simone Hauck

DIRETOR CIENTÍFICO
Thiago Pianca

DIRETOR DE DIVULGAÇÃO
Alexandre Kieslich

DIRETOR DE PUBLICAÇÕES
Mário Barcellos

DIRETOR DE ENSINO
Ives Passos

DIRETOR DE NORMAS
Fábio Wilhelms

DIRETOR DE TECNOLOGIAS
Daniel Spritzer

PROCESSOS CRIATIVOS **E VIDA EMOCIONAL**

Os nossos olhos recebem a luz de estrelas mortas. Assim como nossas memórias brilham nos desejos e escolhas diárias. O brilho no "bom dia" ao porteiro, na roupa escolhida, no perfume daquela senhora que sentou ao meu lado e que me fez quase vomitar, na solução encontrada para a birra do filho, na preferência do vinho pro jantar, no encontro amoroso no fim do dia. E finalmente, na esperança desesperada de seguir iluminando mesmo depois que a luz se apagar.

O texto acima é de autoria de um dos alunos do curso "Processos Criativos e Vida Emocional", realizado durante o exercício criativo proposto por Cláudio Eizirik. Ele foi um dos professores convidados e brindou-nos com uma excelente exposição sobre as origens da criatividade humana, citando a obra de Carlos Drummond de Andrade como exemplo do uso da arte como forma de elaboração da vida e da morte.

A segunda edição do curso teve início em março deste ano. Contando com a colaboração de vários professores, as aulas ocorrem num clima agradável, espontâneo e intimista em sábados alternados no mezanino do CELG. Os objetivos seguem dois principais enfoques. Um, mais teórico, é estudar a interface entre criatividade e psiquismo, baseado em referencial psicanalítico. O outro vem da proposta de incentivar uma vivência criativa aos participantes, tendo em vista que a prática do consultório demanda sempre um trabalho de criação.

A partir da experiência da primeira edição e de sugestões enviadas pelos alunos, a duração dos encontros foi ampliada e inclui agora um momento de exercício criativo no final de cada sábado. Assim, além do aporte teórico trazido pelo professor convidado, os participantes contribuem ativamente na construção do curso, exercitando a escrita a partir de textos e de estímulos visuais, trazendo músicas e encenando em *role-play* aspectos do universo da infância.

No primeiro encontro, foram apresentados os propósitos do curso e abordados aspectos da relação entre processos criativos e desenvolvimento psíquico a partir de uma breve revisão sobre o tema. Tomamos como pontos de partida os escritos de Freud e Winnicott sobre a arte e a criatividade, aspectos que ambos os autores consideravam fundamentais para o desenvolvimento saudável do ser humano.

A ideia central de Freud em relação à arte é de que ela ofereceria satisfações substitutivas que seriam ilusões em contraste com a realidade. Desta forma, a impossibilidade de transformar a realidade, levaria o homem a transformar suas fantasias não em sintomas, mas em criações artísticas. Freud olhava para a criatividade do artista sublime.

Winnicott, por outro lado, descreve fenômenos que aconteceriam entre a realidade interna e externa, num local que ele denomina espaço potencial ou transicional. É aí que ocorreriam as experiências criativas. Este espaço potencial seria a matriz da vivência cultural, seja ela científica, filosófica, estética ou religiosa. Para ele, a criatividade é estruturante e fundamental para o desenvolvimento da noção de "ser". Sonhar e brincar, portanto, seriam equivalentes a estar vivo. Desta forma, o *setting* psicoterápico ou psicanalítico poderia ser visto como análogo ao espaço potencial, pois se localiza entre o paciente e o psicoterapeuta/analista e pretende também exercitar e expandir a capacidade de pensar criativamente. Promove em última instância o crescimento e a possibilidade da emergência do verdadeiro self. Winnicott valoriza o "gesto espontâneo" e assim opõe a criatividade à submissão.

Partindo desses pressupostos, na sequência do curso, outros temas foram abordados, trazendo contribuições para além da prática clínica. Fabiana Ritter, através da obra da artista Louise Bourgeois, estimulou uma reflexão sobre o processo terapêutico e a relação mãe-bebê. Juarez Guedes Cruz apresentou experiências próprias e de outros escritores para ilustrar sua aula, intitulada "O livro, a escrita e a saúde emocional". Fábio Brodacz abordou aspectos transgeracionais e a questão do incesto, reflexões originadas da leitura do romance "*Pastoral Americana*" de Philip Roth. Já Raul Hartke e o músico Edu Martins trabalharam em dueto para falar de transformação de experiências emocionais em música, partindo de reflexões de ambos sobre a obra "*O grande circo místico*", de Chico Buarque e Edu Lobo. Celso Gutfreind acolheu em defesa de um atendimento criativo, expandindo ideias de uma psicanálise estética expostas em seu livro "*A arte de tratar*". Nele, aborda as obras em que Freud lançou seu olhar sobre diferentes manifestações artísticas. E, por último, Marília Santos e Lucas Kruger aproximaram a poesia da clínica psicanalítica e abordaram as especificidades narrativas de cada encontro paciente-analista/terapeuta.

No segundo semestre, teremos a apresentação de Ellen Epifânio, que irá traçar um paralelo entre imagens de obras de Frida Kahlo e modelos psicanalíticos. Finalizando, o curso contará com a participação da psiquiatra Michele Valenti na discussão a respeito do filme *"Tempero da vida"*. Michele, que também é gastrônoma, falará sobre psiquiatria positiva e nos apresentará o trabalho que desenvolve no jardim e na cozinha de sua casa em Teutônia: a *Gastroterapia*. Segundo ela, o projeto "é uma combinação de agricultura urbana, estudo e divulgação de espécies nativas, criação e execução de refeições temáticas e integração da gastronomia com as demais manifestações artísticas. Os comensais colhem, preparam e desfrutam de uma refeição, em meio a discussões prolíficas e uma ampla troca de experiências".

FABIANA RITTER E FABIO BRODACZ
Coordenadores do curso